

DIPLOMACIA

Lula baixa tom sobre guerra

Um dia depois da visita de ministro russo e de declarações polêmicas, presidente enfatiza respeito à integridade territorial ucraniana

» HENRIQUE LESSA
» VINICIUS DORIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva baixou o tom, ontem, em relação às declarações que deu nos últimos dias sobre a guerra na Ucrânia. Em discurso no Itamaraty, na recepção ao presidente da Romênia, Klaus Werner Iohannis, reforçou a posição brasileira adotada nas Nações Unidas, de compromisso com a defesa da inviolabilidade de fronteiras de países soberanos.

“Ao mesmo tempo em que meu governo condena a violação da integridade territorial da Ucrânia, defendemos uma solução política e negociada para o conflito”, justificou.

Depois do impacto negativo das entrevistas que concedeu em Pequim e em Abu Dhabi (Emirados Árabes Unidos), Lula evitou conversar com a imprensa, ontem, no evento com o presidente romeno — que está em viagem oficial ao Brasil. O país do Leste Europeu faz parte da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e tem mais de 600km de fronteira com a Ucrânia.

Lula optou por ler um discurso diplomático, em que voltou a demonstrar preocupação com os resultados do confronto entre Rússia e Ucrânia. “Falei da nossa preocupação com os efeitos da guerra que extrapolam o continente europeu. Reiterei minha preocupação com as consequências globais desse conflito em matéria de segurança alimentar e energética, especialmente sobre as regiões mais pobres do planeta”, destacou.

Receptividade

O recuo na retórica foi bem recebido por diplomatas brasileiros que acompanham as repercussões das últimas falas de Lula — em especial, a polêmica declaração dada em Abu Dhabi de que

Ricardo Stuckert/PR



Lula, Iohannis, Janja e a primeira-dama romena. Encontro deu a oportunidade ao presidente de desfazer o mal-estar causado pelas recentes declarações



Ao mesmo tempo em que meu governo condena a violação da integridade territorial da Ucrânia, defendemos uma solução política e negociada para o conflito

Presidente Luiz Inácio Lula da Silva

“a decisão da guerra foi tomada por dois países”, equiparando Rússia e Ucrânia como responsáveis pela deflagração do conflito armado. Essa afirmação, em particular, provocou forte reação de autoridades dos Estados Unidos e da Europa.

Ontem, foi a vez do G7 — grupo formado por Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Reino Unido e União Europeia — divulgar uma dura nota, no mesmo dia em que o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov, estava em Brasília, em visita oficial. Após uma reunião de chanceleres, no Japão, o cotado reafirmou a posição de

intensificar as sanções econômicas contra a Rússia. E avisou: os países que insistirem no apoio ao governo de Moscou sofrerão “severos custos”.

Uma fonte da diplomacia brasileira disse ao **Correio** que a reação dos EUA e de seus aliados é um recado de que não aceitam novos interlocutores na moderação do conflito com a Rússia. “Estão dando bola preta para Lula, não admitem intermediação que não seja a deles. É uma disputa pela narrativa da guerra”, avaliou.

Mas ponderou que, no campo da diplomacia profissional, o tom é bem mais moderado. “Na diplomacia de Estado, a situação é sempre mais amena,

e a tendência é essa mesma, a de baixar o tom”, explicou, recomendando, porém, que Lula module suas declarações para “evitar mais ruídos”.

Um embaixador de primeira classe, que esteve com Lula na viagem à China e aos Emirados Árabes Unidos, foi na mesma linha. Disse que, apesar das declarações dos últimos dias, a posição oficial brasileira permanece exatamente a mesma que adotou ao votar a favor da resolução da ONU que condenou a invasão russa, em fevereiro. “O que vale, para nós, é a posição que adotamos nas Nações Unidas. Não são declarações esporádicas”, afirmou.

Nelson Almeida/AFP



Amorim: “Não é um convite para conversar, é para ver a guerra”

Kiev reforça convite de visita

Um dia depois da visita que o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov, fez a Brasília, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, reforçou o convite para que Luiz Inácio Lula da Silva visite oficialmente seu país — invadido em fevereiro do ano passado pelas tropas de Vladimir Putin.

Após criticar as declarações do presidente brasileiro sobre a responsabilidade conjunta de Rússia e Ucrânia pela deflagração da guerra, o porta-voz da Chancelaria de Kiev, Oleg Nikolenko, reiterou o convite feito a Lula “para para compreender as verdadeiras causas e a natureza da agressão russa e as suas

consequências para a segurança global”.

Em postagem na sua rede social, o porta-voz da diplomacia da Ucrânia escreveu que “observa com interesse os esforços do presidente do Brasil para por fim à guerra”. Isso, porém, não impediu de criticar a fala de Lula, que deu “o mesmo peso” para o “agredido e o agressor”.

Em entrevista à *GloboNews*, o ex-chanceler Celso Amorim, assessor especial do Palácio do Planalto para assuntos internacionais, disse que o governo brasileiro está disposto a “conversar com quem quer que seja”. Mas levantou dúvidas sobre a intenção do convite dos ucranianos.

“Cada vez que surge um convite, não é um convite para conversar, é um convite para ir lá ver a guerra. Nós sabemos que a guerra é uma coisa terrível. Nós vimos a guerra do Vietnã, vimos as guerras no Afeganistão, a invasão do Iraque, vimos tudo isso. Não estou diminuindo a importância nem a tragédia do povo ucraniano. Os convites são sempre dessa forma. Não excluo que, se houver um convite desse tipo e, dependendo, obviamente, da decisão do presidente Lula — porque eu sou um assessor dele, não sou, sequer, ministro —, eu certamente consideraria (a possibilidade de visita)”, afirmou. (VD)



ALEXANDRE GARCIA

ESTOU EM PORTUGAL HÁ QUASE DUAS SEMANAS E TALVEZ ISSO ME AGUCE A COMPARAÇÃO ENTRE A PÁTRIA-MÃE E A EX-COLÔNIA. PORTUGAL ESTÁ ORGANIZADO, FÁCIL DE VIVER, COM SEGURANÇA PESSOAL, PATRIMONIAL E JURÍDICA

Propaganda enganosa

Existe crime de opinião no Brasil? Nove entre 10 juristas vão dizer que não. Que a Constituição, em cláusula pétreia, garante a liberdade de opinião, vedado o anonimato. No entanto, nos dias de hoje, foi criado, com a omissão da mídia, o crime de opinião, não previsto nas leis brasileiras, que tem sido tratado com mais rigor que os chamados crimes comuns. Esclareça-se que caluniar, difamar e injuriar não é manifestação de opinião.

Criticar aqueles que estão a nosso serviço nos Três Poderes não é uma permissão, uma concessão, mas um dever de

todo cidadão atento, pagador de seus impostos, mandante de todos os mandatários postos no poder por seu voto. Se não for assim, não é democracia. Se deputados, senadores e vereadores não representarem seus eleitores, não é democracia. Se prefeitos, governadores e presidente da república não prestarem serviços para os que são origem de seu poder, não é democracia. Se juízes não forem escravos, mas senhores, das leis que são chamados a aplicar, não é democracia. Se os próprios juízes tomarem a iniciativa de submeter pessoas a julgamento, não é o devido

processo legal da democracia. O Brasil passa por um vale de trevas. Os criminosos comuns estão cada vez mais cheios de regalias e poder. A opinião crítica dos cidadãos está cada vez mais ameaçada por prisões arbitrárias e sem o devido processo legal. Estou em Portugal há quase duas semanas e talvez isso me aguce a comparação entre a pátria-mãe e a ex-colônia. Portugal está organizado, fácil de viver, com segurança pessoal, patrimonial e jurídica.

Turistando

É o melhor destino turístico

dos europeus. Só o Algarve recebe o mesmo número de turistas estrangeiros que o Brasil inteiro. Responsabilidade dos nossos governantes, nossos legisladores, nossos juízes, nossos eleitores. A natureza nos deu tanto e nós fizemos tão pouco.

Agora, nosso Poder Executivo quer fazer uma política externa de colônia, escolhendo de quem sermos escravos. Nossos legisladores não sabem que seu único senhor é o eleitor e nossos magistrados mais altos se julgam ungidos para estar acima da Constituição. O plenário do Congresso não pode ser substituído pela cabeça de um juiz do

Supremo Tribunal Federal. Nem o Congresso está jungido a outro poder que não seja o povo.

O povo, que vive mal, se conforma porque nunca conheceu o bem-estar, nem um país que respeite o cidadão, que lhe dê a segurança de sacar dinheiro de madrugada num caixa eletrônico numa ruela escura, em que as pessoas se respeitem e respeitem suas cidades como sua própria casa. No Brasil, estamos sempre esperando o assalto, o furto, o vigarista, porque é o país onde o crime compensa — que o diga André do Rap.

O vice-prefeito de Porto Alegre, Ricardo Gomes, fez um libe-

Discursos erráticos

» ROSANA HESSEL

Ao fazer declarações favoráveis à Rússia, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva criou uma saída justa que pode comprometer a imagem do país no exterior. Provocou reações indignadas dos Estados Unidos e da União Europeia, chegando a ser chamado de “papagaio” de Moscou — sobretudo quando acusou-os de estarem prolongando a guerra ao ajudarem militarmente a Ucrânia.

Embaixadores em Brasília ficaram em dúvida sobre o que levou Lula a fazer um discurso na contramão das regras da diplomacia justamente quando visitava países com regimes autoritários — como China e Emirados Árabes Unidos. Lula deixou embaixadores de democracias consolidadas “surpresos e decepcionados” ao criticar os EUA, gratuitamente, nos Emirados Árabes, culpar a Ucrânia pelo conflito e ainda receber o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov.

Para o diplomata e ex-ministro da Fazenda Rubens Ricupero, Lula está queimando um capital político que acredita ter. “Os EUA e a União Europeia têm razão ao criticar o governo brasileiro objetivamente, porque Lula fez o jogo da propaganda da Rússia”, destacou. Ele criticou, inclusive, o fato de o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, evitar usar a palavra “guerra” para falar da invasão na Ucrânia. “Só falta ele falar em ‘operação especial’ como faz Putin. Ele está recebendo críticas de todo o mundo. Acho que não vi até agora nenhuma manifestação de apoio, a não ser de russos e chineses”, destacou.

O diplomata Renato Marques, ex-embaixador na Ucrânia e em Belarus, ressaltou que o saldo da confusão diplomática — que fez Lula recuar, ontem, no discurso em relação à Ucrânia — será ruim para as ambições do Brasil de ser um pacificador. O país, segundo ele, poderia ser um candidato natural a integrar um esforço multinacional de paz quando as condições estiverem maduras, “mas está mais equidistante”.

Para o economista e professor da Universidade de São Paulo (USP) Simão Silber, o governo “está perdido”. “O Brasil do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) já era um pária global por causa dos retrocessos no Meio Ambiente e por negar a ciência durante a pandemia da covid-19. Ao sinalizar apoio à Rússia, não é posição de estadista, mas de sindicalista”, lamentou.

lo magnífico no Fórum da Liberdade, lembrando que em 1215 a Magna Carta das Liberdades já estabelecia que ninguém será preso ou privado de sua propriedade, ou exilado, ou de alguma maneira destituído, a não ser por julgamento legal de seus pares. Pois 808 anos depois, no Brasil, não há quem exija o juiz natural, a liberdade de opinião, a ausência de censura, o direito à remuneração pelo seu trabalho, a imunidade parlamentar, o direito de reunião sem armas, e o devido processo legal.

Sem isso, “Estado Democrático de Direito” é apenas um rótulo de propaganda enganosa.